

Polášek, Metoděj

Algumas observações sobre o futuro do modo conjuntivo

Études romanes de Brno. 2009, vol. 30, iss. 1, pp. [211]-223

ISSN 1803-7399 (print); ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/114835>

Access Date: 16. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

METODĚJ POLÁŠEK

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O FUTURO DO MODO CONJUNTIVO

Introdução

O futuro constitui, por si, um tempo linguístico que exprime uma modalidade não factual. Cada acção cujo resultado nos não é conhecido no momento preciso da enunciação ou cada estado de cujo carácter não temos experiência porque ainda não é actual para nós, contém um aspecto de incerteza. A maneira como a família de línguas românicas «trabalha» a perspectiva do sujeito falante perante o mundo que não se pode atingir epistemicamente é bastante original no contexto de outras línguas indo-europeias. As línguas românicas actuais, assim como o latim outrora, empregam o modo conjuntivo ao se referir a fenómenos possíveis e irreais (no entanto nem a todos e nem sempre, como veremos mais adiante). A perspectiva do sujeito falante perante a realidade descrita (a sua asserção mental) é de maior importância para o emprego de modos e de tempos verbais para exprimir a incerteza do facto enunciado.

O português é um idioma que atribui ao falante uma maior “escolha” de tempos verbais¹ orientadas para o tempo posterior ao momento de enunciação porque tem o futuro do conjuntivo (com duas variantes: simples e composta) além dos tempos verbais habituais para as línguas como o espanhol, francês ou italiano. Se o português dispõe nesta perspectiva duma gama mais variada de tempos verbais que alargasse as possibilidades de expressão de falante em contraste com outras línguas românicas, já não é tão fácil afirmar. Neste artigo tentamos apresentar algumas observações sobre a condição do futuro do conjuntivo dentro do sistema da língua portuguesa e procuraremos os seus equivalentes em outras línguas românicas² levando em conta valor semântico e contexto sintáctico. Foram em exclusivo os motivos práticos que influenciaram a escolha deste tema: o futuro

¹ Vamos abstrair neste texto de formas nominais que facilitam a reformulação de frases com formas finitas do verbo.

² Em espanhol e em francês. O italiano coincide com o francês na maioria dos casos que vamos mencionar.

do conjuntivo dá tanta dor de cabeça a quem quer aprender português, inclusive os estudantes que tiram o curso universitário no Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da nossa alma mater. Tanto mais que as gramáticas que nos estão à disposição não esclarecem de longe todas as dúvidas que se possam ter com o uso desse tempo verbal. Este artigo constitui apenas uma modesta contribuição nesta área apresentando matéria conveniente para um estudo mais profundo – com preferência comprovado por uma análise quantitativa de um corpus português.

Antes de tudo mais, será necessário reparar uma falta de precisão: a língua espanhola possui o futuro do conjuntivo (simples – imperfeito e composto – perfeito), com as regras de uso consideravelmente parecidas àquelas do português, mas o emprego dessas formas não soa natural aos hispano-hablantes. A aparição de formas do futuro do conjuntivo em espanhol limita-se a casos muito especiais: fórmulas jurídicas (entre outros na constituição espanhola de 1978), provérbios, frases feitas ou expressões de autores que de propósito buscam um estilo arcaico ou burocrático. Em breve, trata-se de formas em desuso no quotidiano, em contraste com o futuro do conjuntivo português. Por este motivo o seu emprego em espanhol não será levado em linha de conta neste texto. Só poucos exemplos para demonstrar o mencionado³:

Futuro imperfeito do conjuntivo:

- | | |
|---|------------------------------------|
| (1a) <i>Si alguien lo hiciere será castigado.</i> | Se alguém o fizer, será castigado. |
| (1b) <i>Donde fueres haz lo que vieres.</i> | Onde fores, faz o que vires. |
| (1c) <i>Sea como fuere...</i> | Seja como for.... |

Futuro perfeito do conjuntivo:

- (2) *Si ningún candidato hubiere obtenido la confianza del Congreso, el Rey disolverá ambas Cámaras.*
Se nenhum candidato tiver obtido a confiança do Congresso, o Rei dissolverá ambas as Câmaras.

A. Futuro simples do conjuntivo

O futuro simples do conjuntivo (o futuro imperfeito do modo conjuntivo) marca segundo Arruda “a eventualidade no futuro” e “emprega-se em orações subordinadas adverbiais e relativas, onde se apresenta um facto futuro de realização provável”⁴.

³ Para mais informações sobre o uso do futuro do conjuntivo em espanhol veja <http://culturitalia.uibk.ac.at/hispanoteca/grammatik-stichworte/Grammatik%20Spanisch/Futuro%20de%20subjuntivo.htm> (30.3.2008)

⁴ ARRUDA, Lígia, *Gramática de português para estrangeiros*, Porto, Porto Editora 2000, pp. 144.

Futuro simples do conjuntivo usa-se

1. Em orações condicionais introduzidas pela conjunção *se*, em que a condição expressa constitui uma hipótese possível de concretizar no futuro.
2. Em orações adverbiais depois de determinadas conjunções ou locuções conjuntivas (chamemo-las conectores) para expressar uma acção no futuro.
3. Em orações relativas depois de pronomes relativos invariáveis *quem*, *onde* e *que*. Também por estas construções se exprime uma situação que poderá, ou não, acontecer no futuro.
4. Em orações concessivas com repetição do verbo segundo o modelo presente do conjuntivo + elemento de ligação + futuro do conjuntivo.

Contudo, o futuro do conjuntivo encontramos apenas em orações subordinadas. As orações principais, essas podem ter o verbo no presente do indicativo (de valor futuro), futuro do indicativo ou imperativo. Não há outras opções.

I. Futuro do conjuntivo em orações condicionais

I.1 Português

O futuro do conjuntivo pode introduzir apenas um facto condicionante que não opõe um obstáculo significativo a uma realização da acção contida na oração principal (3a.1).

(3a.1) Se ainda *houver* bilhetes, o meu pai compra um para mim.

(3b.1) Se ainda *houvesse* bilhetes, o meu pai compraria um para mim.

Haver bilhetes não é uma pura fantasia. É uma possibilidade. Não se tem a certeza de que há ainda bilhetes, mas pode bem haver. A acção descrita em (3a.1) está no futuro, e é até certo ponto incerta, no entanto é mais provável do que no caso da frase (3b.1) que representa uma realização menos provável do facto condicionante. Por esse motivo coloca-se o verbo num passado imaginário.

A frase (3a.1), essa, é neutra no sentido que o resultado SIM e o resultado NÃO parecem ser igualmente prováveis ou a probabilidade não tem relevância. Como nos exemplos (4) e (5).

(4) A: “Hoje vou ficar a trabalhar até mais tarde.”

B: “Se *sair* depois do segurança, ligue o alarme.”

(5) No final do ano lectivo vamos escrever um teste final. Se não *estudares*, não farás a cadeira.

Para o emprego do futuro do conjuntivo em orações condicionais é crucial a escolha da conjunção que introduz a oração subordinada. Depois da conjunção *se* vem obrigatoriamente a forma do futuro do conjuntivo. A sua substituição pela forma do presente do conjuntivo seria vista como agramatical (o uso agramatical será marcado nos exemplos que se seguem por um asterisco). Ao contrário, de-

pois das conjunções *caso* e *desde que*, que introduzem também orações condicionais, prefere-se a utilização do presente do conjuntivo, sendo a sua substituição pelo futuro do conjuntivo possível mas um pouco forçada (marcámos portanto o exemplo com um ponto de interrogação).

- (6a.1) Se não *estudares*, não fazes / farás a cadeira.
- (6b.1) Se não *estudes*, não fazes / farás a cadeira. (*)
- (6c.1) Caso não *estudes*, não fazes / farás a cadeira.
- (6d.1) Caso não *estudares*, não fazes / farás a cadeira. (?)

Como as conjunções *se* e *caso* (em parte também *desde que*) podem ser consideradas como semanticamente idênticas, uma vez que todas apresentam orações condicionais, a norma gramatical deve ser, neste caso, apenas uma questão de uso. Deste ponto de vista também os dois tempos verbais podem ser vistos como idênticos. Isto porque não se pode afirmar que a hipótese indicada na frase (6a.1) é mais provável do que aquela da frase (6c.1) ou vice-versa.

Na frase (6e.1) a situação já é diferente. Não se trata aqui de nenhuma hipótese uma vez que a oração subordinada constitui uma condição suficiente para uma generalização da oração principal e a oração principal é consequência necessária da oração subordinada. Ana Maria Brito chama este tipo de enunciados Modus Ponens⁵.

- (3c.1) Se *há* bilhetes, o meu pai compra um para mim.
- (6e.1) Se não *estudas*, não fazes a cadeira.

O modo (conjuntivo vs. indicativo) desempenha, por si, um papel importante na distinção entre dois tipos de orações condicionais: real e hipotética. A diferença entre (3a.1) e (3c.1), ou entre (6a.1) e (6e.1), podia ser interpretada ainda doutra maneira: a frase com o futuro do conjuntivo implica a criação de uma modalidade temporal futura⁶ enquanto que a frase onde aparece o indicativo é despojada dessa modalidade: tem uma validade universal, como se exprimisse uma regra.

I.2 Espanhol

Em orações subordinadas condicionais onde o português emprega o futuro, eventualmente presente, do conjuntivo, isto é na realização mais provável do facto condicionante, o espanhol actual emprega o presente do indicativo, nunca um tempo do modo conjuntivo. A modalidade futura não vem expressa pela forma verbal, a hipótese da frase é insinuada por outros meios: expressões modais, como no nosso exemplo (3a.2) por *todavía* (ainda). O tempo verbal da oração principal

⁵ MATEUS, Maria Helena Mira, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho 2003.

⁶ Termo usado por Isabel Hub Faria.

é a única maneira como transferir a acção para o futuro, a sua escolha tem portanto maior relevância do que em português. Compare a realização mais provável do facto condicionante da frase (3a.2) com a validade universal da (3c.2).

(3a.2) *Si todavía hay billetes, mi padre me comprará uno.*

(3c.2) *Si hay billetes, mi padre me compra uno.*

Na frase condicional com a realização menos provável encontramos o pretérito imperfeito do conjuntivo, tal como em português.

(3b.2) *Si todavía hubiese billetes, mi padre me compraría uno.*

Mesmo se substituirmos *se* por *en caso de que* (ou uma outra locução conjuntiva que requer o modo conjuntivo), não alcançamos o modelo bipolar português “realização mais provável do facto condicionante – Modus Ponens” porque essas construções, desta vez, não admitem um verbo no indicativo.

(6c.2) *En caso de que no estudies, no pasas/no pasarás la asignatura.*

(6e.2) *En caso de que no estudias, no pasas la asignatura. (*)*

Daí podemos concluir que as construções condicionais que em português admitem dois modos: conjuntivo (futuro ou presente) para exprimir uma eventualidade no futuro e indicativo para exprimir a regularidade real, não têm paralelo em espanhol.

I.3. Francês

O modelo de frases condicionais em francês coincide com o espanhol em muitos aspectos: na realização mais provável do facto condicionante, isto é na “frase de condição real”⁷, segundo a terminologia de Stauchová, que vem introduzida por *si*, não se admite outro tempo verbal que o presente do indicativo. Não há, então, praticamente nenhuma maneira formal como distinguir o Modo Ponens (3c.3), (6e.3) da realização mais provável do facto condicionante (3a.3), (6a.3), além do contexto em combinação com o tempo verbal da oração principal: o presente do indicativo contém em determinados contextos um aspecto de habitualidade.

(3a.3) *S’il y a encore des billets, mon père en achètera un pour moi.*

(3c.3) *S’il y a (encore) des billets, mon père en achète un pour moi.*

(6a.3) *Si tu n’étudies pas, tu ne réussiras pas l’examen.*

(6e.3) *Si tu n’étudies pas, tu ne réussis pas l’examen.*

⁷ STAUCHOVÁ, Věra, *Stručná mluvnice francouzštiny*, Praha, SPN 1963, pp. 294.

Para atenuar a probabilidade de realização descrita pela oração condicional, empregar-se-á o imperfeito do indicativo, que equivale nesta construção ao imperfeito do conjuntivo em português e espanhol.

(3b.3) *S'il y avait encore des billets, mon père en achèterait un pour moi.*

Se a conjunção *se* for substituída por uma outra equivalente (*à condition que, pourvu que*), a situação já é diferente: o presente do conjuntivo deve ser usado na oração subordinada, como vimos no caso da locução espanhola *en caso de que*.

(6c.3) *À condition qu'il y ait des billets, mon père en achète/achètera un pour moi.*

II. Futuro do conjuntivo em orações adverbiais

II.1 Português

As orações adverbiais constituem um grupo muito heterogéneo do ponto de vista de uso do futuro do conjuntivo. Certos conectores com o valor futuro preservem o seu uso e a sua substituição por um outro tempo verbal será vista como um erro de palmatória, outros pelo contrário não admitem o emprego do futuro do conjuntivo.

(7a.1) Quando *forem* 7:00, acorda-me.

(7b.1) Quando *sejam* 7:00, acorda-me. (*)

(8a.1) Quando *vier*, vamos jantar.

(8b.1) Quando *venha*, vamos jantar. (*)

(9a.1) Esperarei até que nos *chamarem*. (*)

(9b.1) Esperarei até que nos *chamem*.

(10a.1) Esperemos até que *vier*. (*)

(10b.1) Esperemos até que *venha*.

Na maioria dos exemplos mencionados em cima, não se pode construir o *Modus Ponens* por uma pura substituição do modo conjuntivo pelo modo indicativo na oração subordinada, como tínhamos visto no primeiro capítulo. A sua construção exigiria alterações de maior complexidade, uma vez que as frases (8c.1) e (10c.1) não consituem exemplos do português correcto.

(8c.1) Quando *vens*, vamos jantar. (?)

(10c.1) Esperamos até que *vem*. (?)

A relação “emprego de conector – uso de tempo verbal” em orações adverbiais orientadas para o futuro não é sempre tão directa como era no caso dos exemplos (7 – 10). Há conectores que se podem combinar com o futuro ou presente do conjuntivo.

(11a.1) Assim que *chegarem* ao aeroporto, telefonem-me.

(11b.1) Assim que *cheguem* ao aeroporto, telefonem-me.

(12a.1) Venha, logo que *puder*.

(12b.1) Venha, logo que *possa*.

As mensagens introduzidas por *assim que* e *logo que* têm um sentido inequívoco por si mesmo, facto que as orações subordinadas em (11a.1) e (11b.1), respectivamente (12a.1) e (12b.1), trazem o mesmo valor. No entanto, uma análise quantitativa provavelmente revelaria uma maior tendência para o emprego do futuro do conjuntivo nestes casos.

Orações introduzidas por *enquanto* podem ganhar conotações diferentes com o futuro e o presente do conjuntivo.

(13a.1) Enquanto *estiveres* com febre, não podes sair.

(13b.1) Enquanto *estejas* com febre, não podes sair.

A frase (13a.1) corresponde a um contexto bastante concreto – o interlocutor já está com febre e o locutor, esse, dá-lhe instruções para os dias que se seguem, uma vez que não há certeza acerca do decurso da febre. Assim poder-se-ia interpretar também a frase (13b.1). Além disso, esta podia ganhar, segundo a nossa opinião, um sentido diferente, parafraseado por (13c.1) – facto que não se pode afirmar sobre (13a.1).

(13c.1) Sempre que apanhes febre, não podes sair.

Sempre que e *todas as vezes que* também podem vir acompanhados por ambas as formas do conjuntivo: futuro e presente. Quando na oração principal usamos o futuro do indicativo (simples ou próximo), é o caso de (14b.1) e (15b.1), obtemos praticamente frases sinónimas com (14a.1) e (15a.1): uma promessa realizável no futuro.

(14a.1) Sempre que *puder*, escrevo-lhes/escrever-lhes-ei.

(14b.1) Sempre que *possa*, escrever-lhes-ei.

(15a.1) Todas as vezes que *vier* a Portugal, lembro-me de vocês/vou lembrar-me de vocês.

(15b.1) Todas as vezes que *venha* a Portugal, vou lembrar-me de vocês.

II.2 Espanhol

A ausência do futuro do conjuntivo no idioma espanhol simplifica a escolha da forma verbal conveniente em orações adverbiais. Na maioria dos casos é o presente do conjuntivo que se impõe em orações subordinadas adverbiais para que possam exprimir a condição temporal futura:

(7b.2) *Cuando sean las 7:00, despiértame.*

(8b.2) *Cuando llegues, vamos a cenar.*

(9b.2) *Esperaré hasta que nos llamen.*

(10b.2) *Esperemos hasta que venga.*

(11b.2) *En cuanto lleguen al aeropuerto, llámenme.*

(12b.2) *Ven, en cuanto puedas.*

(13a.2) *Mientras tengas fiebre, no puedes salir.*

(14b.2) *Sempre que pueda, les escribiré.*⁸

(15b.2) *Todas las veces que venga a Portugal, voy a acordarme de vosotros.*

No caso de contraste contextual entre (13a.1) e (13b.1) em português, é óbvio que não há um paralelo em espanhol, pelo menos com a mesma construção frásica.

II.3. Francês

Na maior parte das orações subordinadas adverbiais que mencionámos atrás e onde, como vimos, o português emprega o futuro (eventualmente presente) do conjuntivo, e o espanhol o presente do conjuntivo, o francês opta obrigatoriamente por um modo indicativo. A forma do presente do indicativo nesta posição sintáctica é vista como coloquial mas gramaticalmente aceitável.

(7a.3) *Réveille-moi quand il est/sera 7 heures.*

(8a.3) *Quand tu arrives, on déjeune. /Quand tu arriveras, on déjeunera.*

(11a.3) *Dès que vous arrivez/arriverez à l'aéroport, téléphonez-moi.*

(12a.3) *Viens, aussitôt que tu peux/pourras.*

(13a.3) *Tant que tu as de la fièvre, tu ne peux pas sortir. /*

Tant que tu auras de la fièvre, tu ne pourras pas sortir.

(15a.3) *Chaque fois que je viens au Portugal, je me souviens de vous. /*

Chaque fois que je viendrai au Portugal, je me souviendrai de vous.

As variantes de (8a.3), (13a.3) e (15a.3) com o presente do indicativo correspondem praticamente ao Modus Ponens – depende do contexto. O uso do presente na frase (12a.3) resulta num pedido mais insistente.

Encontrámos também um caso em que o conector requer o modo conjuntivo na oração subordinada:

(10a.3) *Nous attendons/attendrons jusqu'à ce qu'il vienne.*

III. Futuro do conjuntivo em orações relativas

III.1 Português

As orações relativas não constituem um grupo menos variado do ponto de vista de emprego de tempos do modo conjuntivo com valor futuro. Podem-se observar paralelas com as orações adverbiais. Assim como foi o caso do exemplo (13a.1

⁸ A forma mais coloquial será *puedo*, presente do indicativo.

e 13b.1), as frases (16a.1) e (16b.1) não são substituíveis uma por outra independentemente do contexto sintáctico.

(16a.1) Aqueles que *tiverem* muita paciência, conseguirão resolver esse problema.

(16b.1) Aqueles que *tenham* muita paciência, conseguirão resolver esse problema.

(16c.1) Aqueles que *têm* muita paciência, conseguirão resolver esse problema.

(17a.1) Quem *estiver* contra, levante a mão.

(17b.1) Quem *esteja* contra, levante a mão.

Levantemos a hipótese de que a frase (16a.1) tem como objecto de fala um certo grupo de pessoas (imaginemos que o enunciado seja proferido por exemplo em frente duma turma) e lhe diz respeito, enquanto que as aplicações contextuais do enunciado (16b.1) serão talvez mais universais: com *aqueles* não se queria dizer necessariamente as pessoas a quem o locutor se dirige, o enunciado poderia ser ouvido numa conferência ou na televisão. Certo é que as duas frases contêm uma condição temporal futura, em contraste com o Modus Ponens em (16c.1), mas provavelmente em condições diferentes.

Também o uso da forma do presente do conjuntivo no enunciado (17b.1) é capaz de representar uma ideia mais vaga. Será que o locutor não quer que alguém levante a mão? Será que a forma verbal em (17a.1) revela uma atitude neutra dele? Neste caso, mais que no caso precedente, será difícil comprovar tal hipótese por uma análise contextual.

Depois das expressões que incorporam informação de superlativo, tão como *o melhor que*, segue-se o futuro do conjuntivo, sendo o presente do conjuntivo sentido como bastante forçado e o presente do indicativo coloquial. O valor semântico das frases (18a.1, 18b.1 e 18c.1) é praticamente idêntico.

(18a.1) Faça o melhor que *puder*.

(18b.1) Faça o melhor que *possa*.

(18c.1) Faça o melhor que *pode*.

III.2 Espanhol

Assim como era o caso de certas construções adverbiais temporais no espanhol, também as orações relativas espanholas simplificam-se consideravelmente em relação às portuguesas.

(16b.2) *Quienes que tengan mucha paciencia, conseguiran resolver ese problema.*

(17b.2) *El que esté en contra que levante la mano.*

(18b.2) *Haz lo mejor que puedas.*

O desuso das formas do futuro do conjuntivo tem por consequência uma ausência de contraste entre as frases tipo (16a.1)/(17a.1) e (16b.1)/(17b.1) uma vez que se perdem construções que segundo a nossa hipótese constituem certo grau intermediário entre o Modus Ponens e as construções com o presente do conjuntivo.

III.3. Francês

Todas as construções relativas em que, como vimos, aparece o modo conjuntivo nos idiomas ibéricos, contêm as formas do indicativo em francês: do presente ou do futuro, o que corresponde mais à realidade que se quer comunicar.

(16b.3) *Ceux qui ont/auront beaucoup de patience réussiront à résoudre ce problème.*

(17b.3) *Que celui qui est/sera contre lève la main.*

(18b.2) *Fais du mieux que tu peux/pourras.*

Não há maneira como exprimir uma asserção mental, dúvida ou um juízo sobre dada situação, por meio da forma do próprio verbo da oração subordinada. O francês parece ser bastante directo neste ponto. As possibilidades de expressão modal limitam-se ao emprego de uma perífrase verbal (*Ceux qui peuvent avoir...*), uso do condicional (*Que celui qui serait contre...*) ou de expressões auxiliares (*eventuellement...*). Assim como se exprimem as línguas que não conhecem modo conjuntivo – línguas eslavas, por exemplo.

IV. Futuro do conjuntivo em orações concessivas com repetição do verbo

IV.1 Português

A construção «presente do conjuntivo + elemento de ligação + futuro do conjuntivo» com uma repetição do verbo para expressar uma ausência de condições, já pertence às expressões idiomáticas da língua portuguesa que têm uma vitalidade considerável. Mesmo assim, ouve-se a repetição do verbo no conjuntivo do presente como em (19b.1) ou (20b.1). Será uma influência da língua espanhola?

(19a.1) Venha quem vier, será bem recebido.

(19b.1) Venha quem venha, será bem recebido.

(20a.1) Digas o que disseres, tens sempre razão.

(20b.1) Digas o que digas, tens sempre razão.

IV.2 Espanhol

Antes de o futuro do conjuntivo ter caído em desuso, a construção «presente do conjuntivo + elemento de ligação + futuro do conjuntivo» era também própria ao idioma espanhol – veja o exemplo (1c). Hoje em dia é a repetição do verbo no presente do conjuntivo que possibilita transmitir essa mensagem.

(19b.2) *Venga quién venga, será bien recibido.*

(20b.2) *Digas lo que digas, siempre tienes razón.*

IV.3. Francês

A gramática francesa admite uma repetição de verbo em presente do conjuntivo com o valor concessivo como em (19b.3) e (20b.3). No entanto, é preferível usar uma outra construção (19c.3) e (20c.3).

(19b.3) *Vienne qui vient, il sera bien accueilli.*

(19c.3) *Quiconque vient/viendra, il sera bien accueilli.*

(20b.3) *Dises que dises, tu as toujours raison.*

(20c.3) *Quelque soit la chose que tu dis, tu as toujours raison. /*

Quelque soit la chose que tu diras, tu auras toujours raison.

B. Futuro composto do conjuntivo

O futuro composto do conjuntivo (o futuro perfeito do modo conjuntivo) forma-se pelo futuro simples do conjuntivo do verbo auxiliar *ter*, ou *haver*, e do particípio passado do verbo principal. Geralmente, exprime uma acção que se completa no futuro antes de uma outra acção ocorrer. O aspecto perfeito que o distingue do futuro simples do conjuntivo pode ser de grande relevância para o próprio sentido da expressão do falante.

(21a) Quando *tiverem comido*, arrumem tudo.

(21b) Quando *comerem*, arrumem tudo.

É bem clara a mensagem da frase (21a): a pessoa a quem o locutor se dirige é pedida de arrumar tudo só depois de ter comido a sua refeição. Na frase (21b) já não se faz nenhuma alusão à ordem em que o interlocutor deve proceder. Há duas interpretações possíveis do enunciado com a forma composta do verbo: igual àquela de (21a); mas também uma diferente na qual se admite que o interlocutor comece a arrumar tudo apesar de a refeição ainda não ter acabado por completo. Abre-se uma hipótese de que a interpretação de *quando comerem* como perfeita prevaleceria.

Na frase (22a), a forma do futuro perfeito do modo conjuntivo parece-nos ter um carácter completamente redundante, uma vez que o verbo *acabar* contém já o valor semântico de culminação. Ao substituir a forma composta pela forma simples (22b), não se perde nada da perfeição da oração subordinada. Mesmo assim, há quem prefira usar a forma composta, seja pela analogia com os casos como era o exemplo anterior, seja pela ênfase que o exemplo (22a) contém.

(22a) Quando *tiver acabado* o trabalho, tenciono entregá-lo.

(22b) Quando *acabar* o trabalho, tenciono entregá-lo.

A situação é analógica na frase (23), com a diferença que o locutor obviamente quer que as pessoas a quem se dirige lhe liguem o mais cedo possível. Para acen-

tuar esse interesse seria, segundo a nossa opinião, mais conveniente a forma verbal simples (23a): como se as duas acções fossem simultâneas.

(23a) Assim que *chegarem* ao aeroporto, telefonem-me.

(23b) Assim que *tiverem chegado* ao aeroporto, telefonem-me.

De tudo que foi dito neste capítulo pode-se concluir que a forma do futuro composto do conjuntivo não perdeu o seu papel importante no sistema português de tempos verbais e que a sua substituição pela forma simples nem sempre é conveniente. Uma análise mais detalhada nesta área seria, sem dúvida, de grande interesse.

Conclusão

No capítulo introdutório desta comunicação colocámos a interrogação se só o mero facto de dispor de formas do futuro do conjuntivo pode atribuir ao idioma português uma maior expressividade em relação ao facto futuro do que a outras línguas românicas. Chegámos à conclusão de que na maioria dos casos essas formas são, ou teoricamente poderiam ser, plenamente substituíveis por outras formas verbais (nomeadamente pelo presente do conjuntivo, como aconteceu em espanhol) sem se correr o risco de uma alteração semântica da própria enunciação. Essa afirmação vale para o uso do futuro do conjuntivo em orações subordinadas condicionais, concessivas e em grande parte também adverbiais e relativas. Onde surge uma possibilidade de interpretações diferentes destas orações, é o futuro do conjuntivo que dá entrada a uma interpretação mais concreta e menos vaga, eventualmente a uma atitude neutra, em contraste com a interpretação mais vaga e universal ou a uma atitude reservada expressa pelo presente do conjuntivo. Se traduzirmos as frases em questão para o espanhol ou francês, perdemos esse ligeiro contraste precisamente porque estes idiomas não têm ou não usam as formas do futuro do conjuntivo.

Para mais, o emprego de formas conjuntivas em certas construções sintácticas em português é um importante indicador formal do facto que a enunciação em questão não contém o valor de uma realidade repetitiva (*Modus Ponens*) mas de uma eventualidade no futuro. Essa função já se vai perdendo, se não se perdeu já, em espanhol ou em francês.

Bibliografia

- ARRUDA, Lígia, *Gramática de português para estrangeiros*, Porto, Porto Editora 2000.
 COIMBRA, Olga Mata; COIMBRA, Isabel, *Gramática activa 2*, Lisboa, Lidel 2002.
 FARIA, Isabel Hub, „Conjuntivo e restrição da frase-mais-alta“, *Boletim de Filologia*, tomo XXIII, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos 1974.
 MATEUS, Maria Helena Mira, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho 2003.
 PROKOPOVÁ, Libuše, *Španělština pro samouky*, Praha, SPN 1990.

STAUCHOVÁ, Věra, *Stručná mluvnice francouzštiny*, Praha, SPN 1963.

<http://culturitalia.uibk.ac.at/hispanoteca/grammatik-stichworte/Grammatik%20Spanisch/Futuro%20de%20subjuntivo.htm>

Abstract and keywords

The Portuguese uses future subjunctive (*futuro do conjuntivo*) in subordinate clauses to express a condition that must be fulfilled in the future, or is assumed to be fulfilled, before an event can happen. As the other Romance languages don't know or don't regularly use this form of subjunctive, the author aims to find its equivalents in Spanish and French in various syntactic contexts. The main purpose is to specify the position of the future subjunctive within the Portuguese verbal system.

If we imagine that the future subjunctive disappears from the Portuguese verbal system and gets replaced by the most convenient tense for each context, no significant semantic changes could be noticed in the vast majority of cases. It could be easily substituted by the present subjunctive in conditional, concessive and partially also adverbial and relative clauses. However, the future subjunctive has different – more factual and definite – meaning than the present subjunctive in some specific adverbial and relative clauses. It means that these clauses admit both subjunctive tenses in Portuguese but with slightly different semantic meanings. This difference doesn't have equivalent in the other Romance languages.

In general, the use of subjunctive forms in Portuguese can be seen as an important formal indicator of the semantic value of certain syntactical constructions: the verb in the indicative mood means the sentence has a repetitive value (*Modus Ponens*) whereas the verb in the subjunctive mood expresses an eventuality in the future. In this perspective the Portuguese also has an exceptional position within the Romance language area. Spanish and French don't seem to use the formal indicator or at least in the contexts we have seen.

Linguistics, semantics, Portuguese, meaning, comparative study, future subjunctive, mood, verb, constructions, eventuality in the future

